

A person stands on a vast, flat, icy landscape under a bright, hazy sky. The person is silhouetted against the light, holding a long pole. The ground is covered in a layer of ice or snow, with some darker patches visible. The sky is a mix of light and dark tones, suggesting a sunrise or sunset.

**UM
DIA QUE DURA
UM ANO**

Condensado do livro de
**A. E. Maxwell e
Ivar Ruud**

Um dia que dura um ano

A. E. MAXWELL
e IVAR RUUD



*Ivar Ruud, barba aureolada, na porta
da Cabana Grande*

O verão é o meio-dia no Ártico; o Sol nunca se põe. Em setembro, a luz começa a diminuir; é a tarde, e logo virá o crepúsculo. Em novembro, principiam os três meses da longa e ininterrupta noite ártica. Vem depois a aurora e, finalmente, a manhã, completando o «dia que dura um ano». O norueguês Ivar Ruud viveu este ciclo, solitariamente, por mais de cinco anos, a 1.500 quilômetros do Pólo Norte. Era um caçador cuja sobrevivência dependia da terra e do mar congelados. Nestes tempos em que a civilização parece nos empurrar por todos os lados, sua aventura nos dá uma rara visão do atávico desejo que o homem tem de caçar, misturado ao seu eterno e contraditório amor por tudo quanto vive sob o Sol.

«Um moderno Robinson Crusoe na neve.» — ERNEST K. GANN

«A ação, o terror e o suspense de seu enredo satisfazem o mais ávido leitor de livros de aventuras.» — PUBLISHERS WEEKLY

A CABANA em Bird Mountain mostrava as cicatrizes do inverno. Lá estavam, ao longo da parede, os sulcos abertos, no papel encerado, pelas garras de um urso polar. Uma foca jazia na neve, perto da entrada da porta (tinha caído do telhado, onde fora deixada como reserva alimentar para os cães). Em redor, havia pegadas de urso.

O interior da cabana estava coberto por uma camada branca de geada. Ivar Ruud varreu o gelo antes de acender o fogo. O pequeno abrigo de quatro metros quadrados aqueceu rapidamente.

Pôs seu rifle no corredor de entrada, também utilizado como despensa. Assim, o calor não o atingiria, deixando-o livre da destrutiva condenação de água e gelo que ataca o mecanismo de fogo das armas submetidas a mudanças cíclicas de temperatura.

Depois de jantar, Ivar vestiu sua *parka* (blusão com capuz) e voltou à despensa. Abriu a janelinha pre-

gada na porta da frente e olhou para fora, sem nada ver. Pegou um martelo e uma caixa de pregos e foi fixar o papel encerado que se havia rompido na parte externa da cabana.

No dia seguinte, inspecionou sua linha de armadilhas, desenterando e preparando vinte delas, destinadas a raposas. Quando Ivan voltou à cabana, o vento já estava forte e gemia nos beirais. Apesar de sua força, não trazia consigo os prenúncios de tempestade: não havia cristais de gelo cortantes como navalhas, nem aquela neve ofuscadora e sufocante, nem um aumento constante de intensidade. Era apenas um vento ártico comum, varrendo o gelado fiorde de Hornsund.

Vestiu a sua *parka* e foi ver a tranca de madeira da janela. Puxou-a com força, até ter certeza de que ela poderia resistir a qualquer perigo – salvo um urso polar teimoso.

Novamente no interior, puxou a cadeira para mais perto do fogão feito de um tambor de gasolina. Quando aquele fogo se apagasse, a temperatura interior cairia como um ganso que levasse um tiro na cabeça. Já naquele momento, a água do balde se achava coberta com uma fina camada de gelo; de manhã, estaria sólida como pedra.

A. E. MAXWELL é o pseudônimo de Ann e Evan Maxwell. Ann é escritora *freelancer* especializada em ficção científica; Evan pertence ao quadro de redatores do *Times* de Los Angeles. IVAR RUUD, norueguês, explorou, viajou, fotografou e viveu na Dinamarca, Suécia, Alemanha, Espanha, França, Itália, América do Sul, Canadá e Estados Unidos.

Por fim, Ivar enfiou-se em seu saco de dormir sobre o estrado que ocupava toda a parede em frente à janela. Contorceu-se até atingir o fundo, passou a boca do saco sobre a cabeça e apertou os cordões o mais que pôde. Seus dedos, já entorpecidos pelo frio, falharam, e, em vez de um laço, deu um nó. Deixou para desfazê-lo de manhã. Dormiu uma hora ou mais num sono agitado.

O som estridente da madeira rachando e do vidro estilhaçando acordaram Ivar instantaneamente. Só um urso polar poderia demolir assim uma janela tão fortemente fechada. Além disso, sem a janela, o forte cheiro de alimentos no interior da cabana saíria, indo estimular ainda mais o apetite do animal faminto.

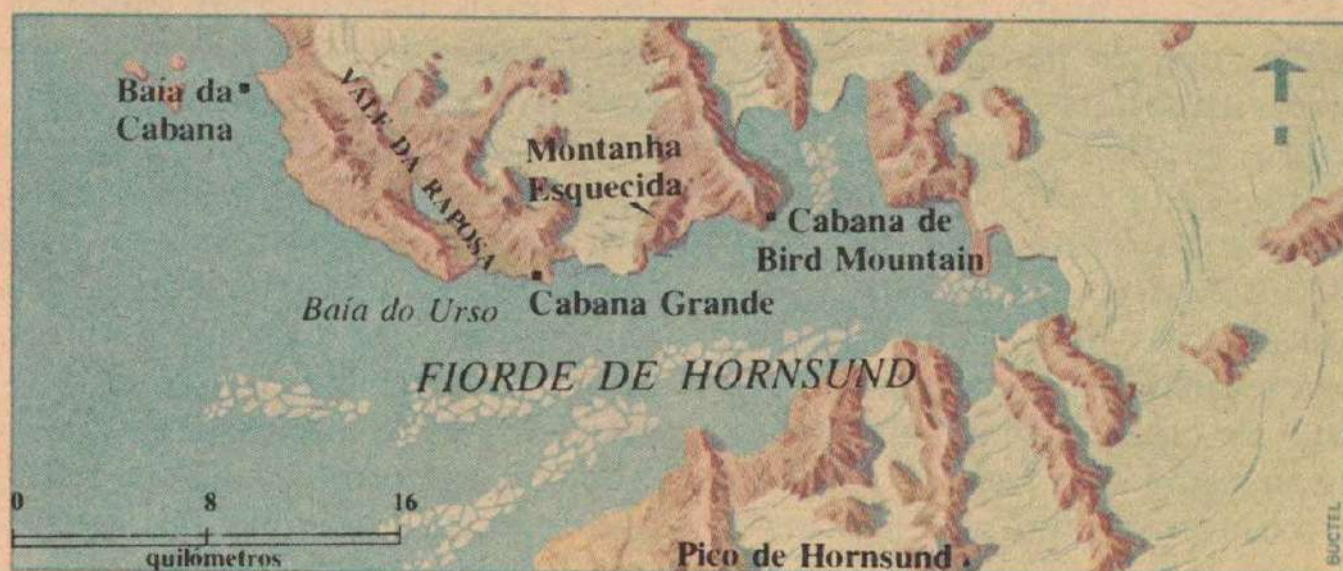
Ivar, num ímpeto, levou as mãos acima da cabeça, tateando à procura dos cordões do saco de dormir. Não demorou um segundo para se lembrar do nó cego e perceber que tinha caído numa armadilha. Algo muito pesado caiu sobre o peito de Ivar. O urso, metade de fora, metade dentro da janela, tinha penetrado no pequeno quarto e agora examinava, curioso, aquela coisa viva e coleante, mas cuja pele não era de carne. Uma descarga de adrenalina invadiu o corpo de Ivar, liberando uma onda súbita de força. Seus braços começaram a bater violentamente contra o saco, uma, duas, três vezes, até que por fim o náilon cedeu à força de seus pulsos.

Esticou-se no fundo do beliche, tentando evitar as patas indagadoras do urso, enquanto se livrava do saco de dormir. Tentou sentar-se, mas sua cabeça foi impedida contra algo duro como pedra. Quando descobriu que a pedra era a mandíbula inferior do urso, voltou à posição anterior, instantaneamente.

O animal recuou um pouco, e Ivar pulou fora do beliche num salto acrobático. Seus pés descalços pisaram numa pilha de cacos de vidro. Ajoelhou-se. O cheiro de sangue encorajou a fera; suas garras sibilaram perto do corpo de Ivar. Se este estivesse em pé, teria sido estripado. Rastejou em direção à porta do quarto, com o propósito de alcançar o rifle, no corredor-despensa.

A temperatura externa era de 30 graus centígrados abaixo de zero. Tirou o rifle da prateleira, meteu-lhe munição e recuou de mansinho até a porta. Escutou com atenção – nada. Prendeu a respiração – nenhum ruído. Com cuidado, abriu vagarosamente o painel articulado da metade superior da porta.

A cabeça e o pescoço do urso irromperam pela abertura. Ivar pulou para trás, escapando por pouco das enormes mandíbulas escancaradas e guarnecidas de dentes mortais. Recuando dois passos, ficou colado contra a porta fechada que dava para a saleta. O hálito quente do urso revolvia seu estômago. Nenhum espaço para abrir a porta



e escapular para a saleta; nem mesmo o rifle podia ser apoiado ao ombro para posição de tiro. O pequeno cubículo parecia repleto de garras e dentes.

Ivar conseguiu colocar o rifle por cima da cabeça e disparou. O recuo jogou-o violentamente contra a porta. Ainda surdo e atordoado, puxou o ferrolho do rifle e introduziu na câmara um novo cartucho para outro disparo. O urso, porém, tinha desaparecido. Jazia imóvel do lado de fora da porta – imóvel e morto.

Ivar pousou a mão sobre aquela cabeça branca ainda quente e deu um longo suspiro, sentindo prazer no vento gelado que entrava em sua garganta. Sentiu-se leve, esvoaçante, total e incrivelmente vivo. Sob o pálido cintilar das estrelas, a terra lhe parecia deliciosamente bela, com cada detalhe absolutamente distinto: os caprichosos desenhos da geada sobre o papel encerado, o brilho prateado dos cristais de neve, a força incessante do vento – tudo com mais perfeição do que se fosse num sonho.

Foi com relutância que deixou aquele momento de pura perfeição e entrou novamente na cabana. Atiçou o fogo, vestiu as calças e a *parka*, e foi examinar os ferimentos nos pés. Ferveu uma chaleira de água, lavou as feridas e deramou uísque em cima para desinfetá-las. Teve sorte; nenhum dos cortes precisou de levar pontos. Coser sua própria pele era o menos agradável dos seus passatempos.

Lá fora, a noite tinha perdido aquele auge de perfeição, mas ele não se importava. O momento de alegria suprema estava gravado em sua alma como uma parte da resposta ao porquê de ter escolhido o Ártico.

Juntou os vários pedaços da tranca quebrada e pregou-os por cima do que sobrara da janela. Pegou então suas facas de esfolar e aproximou-se do urso. Com exceção da cabeça, a pele estava em perfeitas condições. Alguns pontos bem dados esconderiam o buraco da bala. Um defeito poderia diminuir o preço da pele; valia a pena um pequeno sacrifício. Se necessário, emendaria a pele, como numa colcha de retalhos, e ainda ficaria satisfeito. Aquele urso-branco tinha-o levado tão perto da morte como jamais ele estivera — e da vida também.

Um lugar inexorável

POR POUCO Ivár Ruud teria perdido a oportunidade de conhecer o

fiorde de Hornsund. Spitsbergen era uma ilha do arquipélago de Svalbard, sob administração do governo norueguês. Ivar precisava de permissão para se dedicar à caça e à armadilha. Contudo, em 1965, quando a pediu em Longyearbyen (o centro administrativo de Spitsbergen), o governador de Svalbard a negou, alegando estar Ivar pouco preparado para as exigências do Ártico.

Este protestou veementemente por longo tempo, mas em vão. Tinha então 19 anos e, como mais tarde reconheceu, nenhuma experiência. Faltavam-lhe ainda aqueles conhecimentos que lhe permitissem vencer as obstruções de uma burocracia autoritária. Tinha deixado a casa dos pais aos 14 anos, sem que ninguém a isso se opusesse, e vivido nas ruas de Oslo. Aos 15, assentou praça na marinha mercante e, como tal, conheceu Roma, Paris, Londres, Nova York, Rio de Janeiro. Tudo muito excitante para um camponês da Noruega.

Então, inscreveu-se na última expedição norueguesa de pesca da baleia na Antártida. Durante sete meses, teve contato apenas com os tripulantes de seu navio. Esses meses teriam sido intermináveis se não houvesse conhecido Fredrik Rubach. Este tinha vivido em Svalbard por muitos anos e gostava de conversar sobre suas experiências. Ivar adorava ouvi-lo. No fim da expedição, tinham combinado ser sócios pelo período de

um ano, caçando com armadilhas no fiorde de Hornsund.

Em 1970-1971, seu quarto ano de permanência no Ártico, compreendeu por que o governador tinha sido tão relutante em deixar um jovem inexperiente andar à vontade por lá. Hornsund pode ser um lugar inexorável. A 77 graus de latitude norte, a menos de 1.500 quilômetros do Pólo Norte e a cerca de 160, por via aérea, de Longyearbyen, a cidade mais próxima, Hornsund não é um lugar para amadores. O vento e o frio são intensos. As montanhas são desertas de tudo, exceto musgos, líquens, rochas e gelo. A maior árvore da ilha é uma bétula com 20 centímetros de altura.

Todos os anos, no verão, Ivar costumava passar seis semanas de férias na Noruega, bebendo cerveja e aprendendo novamente a falar com seres humanos. Voltava para Spitsbergen em agosto, na tarde do Ártico que dura meses e em que o Sol está sempre acima do horizonte. Levava consigo livros, margarina, uísque escocês, e artigos de utilidade básica como armas, remédios e facas de esfolar. Adquiriu também, nos canis de Longyearbyen, seus cães esquimós e sua pastora alemã Naika. Depois, abastecia suas cabanas.

A Cabana Grande tinha sido construída em 1957 pelos cientistas que viveram em Hornsund por alguns meses, durante o Ano Geofísico Internacional. No fim do verão, a cabana foi abandonada e as-

sim tinha ficado por uma década. Quando Fredrik Rubach e Ivar chegaram a Hornsund, em 1967, a longa estrutura em forma de barracão estava em ruínas; os ursos tinham arrancado as portas e derubado as janelas, dando livre passagem à intempérie. A estrutura básica, entretanto, estava perfeita. Após uma série de reparos, tornou-se um bom abrigo. Fredrik já não usava a Cabana Grande, preferindo viver bem mais ao norte, na Baía da Cabana, além da larga embocadura do Hornsund, à margem do tempestuoso mar Ártico.

Quando a Cabana Grande estava abastecida de mantimentos, Ivar começou a fazer o mesmo com a Cabana de Bird Mountain. Abastecer duas cabanas causava uma série de dificuldades logísticas. A Cabana Grande estava a cerca de 11 quilômetros para o interior da foz do Hornsund; a Cabana de Bird Mountain ficava a mais de 15 quilômetros, bem para leste, já no fundo do fiorde. Um homem viajando a pé, em esquis ou de trenó puxado por cães poderia levar horas para cobrir um só quilômetro, principalmente se o tempo piorava. Mas valia a pena o trabalho de manter uma cabana extra. Quanto mais amplo fosse o campo de ação de Ivar, maior quantidade de raposas e ursos polares teria oportunidade de apanhar. Poderia acampar durante as caçadas, mas uma tenda ou uma toca na neve não têm comparação

com as paredes de uma cabana. Além disso, era muito mais fácil abastecer as prateleiras de Bird Mountain no verão do que varar as tempestades inverniais, carregando às costas uma mochila cheia de mantimentos.

Depois (e o mais importante), durante a longa noite do inverno, quando sua mente lhe fazia, ao mesmo tempo, pouca e excessiva companhia, quando a «febre da cabana» não era brincadeira, ele simplesmente se mudava para um lugar diferente.

Naquele ano, 1970, a maré tinha levado muito do gelo litorâneo. Ele poderia utilizar o barco, em vez das costas, para transportar os suprimentos para a Bird Mountain. Contudo, mesmo com luz diurna, bom tempo e um motor-de-popa fazendo todo o esforço, Hornsund parecia imenso. Na maioria dos mapas, Svalbard era representado por insignificantes pontinhos, e o fiorde de Hornsund (quando aparecia) não passava de uma pequena ranhura sem nome na metade inferior de Spitsbergen. Os mapas, porém, representavam somente uma parte da realidade. Os cartógrafos apenas circularam por algumas das ilhas, de navio ou de avião, tirando fotografias, de longe. Ivar, que usava os mapas feitos por eles, compreendia suas limitações e ria ou dizia palavrões pelos erros que encontrava.

Bem a leste da Cabana Grande, havia uma bela montanha com dois picos esguios e geminados.

Um ponto de referência difícil de passar despercebido, mas um dos cartógrafos o conseguiu. Ivar batizou-a de Montanha Esquecida.

Ivar não hesitou em dar nomes a muitos outros acidentes geográficos em Hornsund (Vale da Raposa, Baía do Ganso, Baía do Urso, Encosta da Omelete, Desfiladeiro Filho-da-mãe). Onde os cartógrafos voaram ou navegaram, ele esquiu ou caminhou. Seu Hornsund era muito diferente do deles; ele conhecia aquela área muito mais a fundo.

Sua mente estava agora ocupada em organizar o que teria de ser feito nas semanas seguintes. A Cabana Grande precisava de alguns reparos; o resto dos suprimentos para Bird Mountain deveria ser levado logo, enquanto o tempo o permitisse. Tinha também que caçar gansos e patos antes que fossem embora. A lista era longa, o tempo curto, e, nas restantes semanas da tarde ártica, ele estava certo de uma coisa: o tempo logo mudaria, e para pior.

O caçador

O GRITO lamentoso de um ganso ressoou por cima da Cabana Grande; um único e premente grasnido que acordou Ivar imediatamente. Havia uma semana que estava esperando por aquele sinal. A geada cintilava nas janelas, à luz de outubro, monótona e cinzenta. O ganso chamou novamente, alto e selvagem. Ivar sorriu com uma

avidez que chegou a responder ao grito do ganso. A investida do inverno excitava-o.

A migração havia começado e, assim como as aves tinham o seu imperativo, ele possuía o seu; o inverno ia ser longo e de fome se ele não matasse os gansos. Hoje

quietação. Que seria dele se todos os gansos tivessem fugido? Aquela carne forte era indispensável ao sustento de seu corpo; para ele, era imprescindível a visão de suas silhuetas roliças guardadas no frio, dando-lhe a certeza de que a fome não seria uma indesejável



O Sol volta em meados de fevereiro; a Cabana de Bird Mountain em primeiro plano

será um longo dia; amanhã, também. No seguinte, não haverá mais gansos; a migração começava num dia e terminava no outro.

O frio da manhã amainou um pouco quando Ivar atingiu os baixios a jusante do Vale da Raposa. Aí, um bloco de grandes pedras formava uma pequena muralha natural de onde ele podia observar tanto a água como o espaço aéreo interior. A sombra das pedras permitia-lhe levantar a arma sem espantar os gansos. A melhor proteção destes era a visão; o menor movimento os afugentaria.

Podia ouvir os bandos passando por cima do nevoeiro, mas iam demasiado altos. Sentiu certa in-

companheira nos meses vindouros. Os bandos eram tão grandes em comparação com o que ele precisava! Porém a natureza, certamente, não iria negar alimento a um caçador que tanto respeitava suas criaturas.

Foi então que cinco gordos gansos furaram a cerração em vôo descendente, e continuaram a uns dez metros do solo e à distância de uns 40 do ponto onde Ivar estava, em direção à tundra, talvez para uma última refeição antes do grande vôo. Nem perceberam quando Ivar levou calmamente o rifle ao ombro e disparou os dois canos ao mesmo tempo, derrubando a terceira e a quarta aves.

Era em momentos como este que Ivar achava difícil compreender as pessoas que caçavam unicamente pelo prazer de matar. Para ele, a parte mais agradável da caçada era a consciência de que os gansos o alimentariam, e a esperança de que as peles de raposa e de urso que conseguisse lhe dariam dinheiro suficiente para comprar mais um ano de vida no Ártico. Ele matava só o necessário e ficava agradecido pelo que a Terra lhe dava.

Já tinha até encontrado pessoas que recuavam com repugnância quando descobriam que ele era caçador profissional. Essas pessoas presumiam ser superiores às que, para sobreviverem, tinham que matar seu próprio alimento. Nas primeiras vezes em que deparou com tal atitude, ficou cheio de raiva. Depois, ignorou-a. Finalmente, aprendeu a rir-se dela.

O Ártico ensinou-lhe a ser paciente e a amar a vida. Ensinou-lhe também uma velha e esquecida verdade: para viver é preciso comer, e matar é parte da refeição.

A espera alongou-se, até que mais cinco gansos apareceram sobre a água, aproximando-se rapidamente de terra, deslizando em direção à tundra. Passaram em frente a Ivar, voando agora mais devagar, virando a cabeça para um lado e para outro, como se estivessem examinando a zona de alimentação lá embaixo. Os dois últimos gansos eram menores, com pés brilhantes e rosados, próprios

de sua pouca idade, voando lado a lado, bem pertinho um do outro. Ivar levou a arma ao ombro e atirou, procurando espalhar o chumbo de maneira a atingir as duas aves. Caíram suave e silenciosamente.

Uma obrigação triste

MAL RECARREGOU o rifle, outro par de gansos apareceu voando um pouco mais alto, mas ainda dentro do alcance. A arma veio suavemente para a posição, seguiu o alvo e parou. Os gansos eram grandes, com as patas de um rosa-pálido-acinzentado – adultos, provavelmente um casal. As chances de atingir os dois com um tiro eram mínimas. Aqueles gansos acasalavam-se por toda a vida e Ivar não desejava ouvir os gritos lancinantes de um deles chamando pelo companheiro morto.

Nas seis horas que se seguiram, foi um suceder de atirar, recolher a caça, recarregar e esperar, conseguindo abater 17 peças enquanto a luz do dia de outono permitia. Milhares de gansos já tinham passado em bandos pelos céus, e outros tantos estavam agora aprofundando aos ventos gelados enquanto ele ouvia e observava maravilhado. A que mecanismo obedeciam? Que é que os impelia em direção aos ventos frios e os mantinha em formações de caprichosa geometria? Como é que escolhiam seus líderes? Como mantinham tão certos os intervalos, senão por

comum acordo? Havia uma fascinante lógica natural em suas vidas.

A cerração estava descendo pelas encostas da montanha; em breve, teria que tomar novamente o rumo da cabana. Os recuos da arma deixaram seu ombro dolorido. No dia seguinte seria pior, pois teria de caçar o resto das aves de que necessitava para o inverno. Com 40 gansos e alguns patos, poderia guardar a arma pelo resto da estação.

Vendo o teto da cerração baixar para 15 metros ou menos, decidiu partir. Foi quando um pequeno bando saiu voando do nevoeiro em direção a um outeiro à sua esquerda. Seus papos rechonchudos refletiram a fraca luz que se extinguia, no momento em que levou a arma ao ombro, seguiu o líder na mira e atirou, procurando logo após um novo alvo enquanto o primeiro caía.

O segundo tiro saiu muito baixo. O ganso alvejado desviou-se alarmado no instante em que a arma disparou. A maior parte dos chumbos passaram bem por baixo dele, mas não todos.

Observou o ganso ferido cair lentamente. A ave grasnou uma vez, com um grito forte e rouco, e foi cair no solo rochoso, com violência bastante para quebrar o gracioso pescoço. A alegria de Ivar foi diminuindo à medida que sua memória visual recordava um detalhe da queda: os pés eram mais cinzentos do que rosados. Sua única esperança era que ele tivesse

menos de três anos e fosse ainda «solteiro», mas um grito isolado e inquiridor destruiu essa esperança.

Blasfemou quando ouviu os insistentes grasnidos do segundo ganso chamando seu companheiro caído. O resto do bando fugiu, deixando-o sozinho com seu lamento. Ivar sabia que a ave voaria em círculos, procurando seu par. Lá vinha ela, uma sombra negra divagando em arco para fora do nevoeiro.

Novamente o grito, a procura, a pausa; outro grito e nova pausa para uma resposta que jamais viria. No fim, o ganso iria para o Sul, forçado pelo frio e pela falta de alimentos.

Ivar esperou, quase sem respirar, enquanto a ave circulava a uns 200 metros de distância. Começou então a se aproximar mais e mais — 150 metros, depois 100.

Teria que chegar pelo menos a uns 50 metros; melhor ainda seria a 40. O velho macho, porém, não mostrava nenhum interesse em chegar mais para perto. Ivar, movimentando apenas os olhos, examinava o horizonte. A luz quase se extinguia.

Depressa, meu pobre amigo! pensou Ivar.

O ganso subiu novamente, tomando depois uma súbita inclinação, e se aprumando para passar bem por cima do companheiro, abaixo do teto da cerração. À medida que ele se aproximava, Ivar prendeu a respiração, levantou a arma e atirou com ambos os ca-

nos. À distância de 65 metros, era um tiro longo, mas não totalmente inútil. O ganso pegou a carga de frente, morrendo no ar e caindo com as asas duras para trás.

Ivar abaixou a arma, feliz por ter terminado aquele triste episódio do vivo procurando o morto.

Quando saía de seu esconderijo, teve a impressão de ter visto a ave se mover. Aguçou a vista na obscuridade. Sim, o ganso estava se movendo, mas não por ele mesmo; ia sendo arrastado pela tundra por uma raposa.

Esta já tinha mudado quase todo o pêlo de verão, e a lanugem branca de inverno dava a impressão de que a raposa era tão grande como sua inesperada refeição. Ivar, no entanto, percebeu, pelos puxões que ela dava em seu esforço, que o ganso a ultrapassava muito em peso.

Gritou, mas a raposa não queria abandonar o ganso. Por um instante, Ivar hesitou em puxar o gatilho, pois viu que seria uma pena por demais severa para um furto tão insignificante. Começou a correr e, numa rápida arrancada, ganhou uns 15 metros à sua competidora. Berrou alto. A raposa deu um pulo para frente, soltando a carga por um instante. Apesar disso, teve tempo de parar, agarrá-la novamente e correr com redobrada decisão.

Finalmente, a uns 30 metros da entrada da toca, começou a diminuir a velocidade. Ivar, já a uns 10

metros, abaixou-se entre um passo e outro, apanhou uma pedra, e jogou-a sobre o animal fugitivo. O seixo caiu bem em frente da raposa, assustando-a de tal maneira que, num desvio violento para o lado, deixou cair o ganso. Depois, virou-se e correu em grande velocidade em direção à toca.

Arfando sem fôlego, Ivar caminhou rápido até onde estava o ganso morto. Raposa e caçador trocaram-se olhares de ira, e só então é que Ivar percebeu como era grande sua raiva. Pensou, e concluiu que toda a sua fúria fora provocada não pela raposa predadora, mas por ter ele próprio atirado num ganso acasalado. Deu um passo atrás, descontraiu-se e logo em seguida começou a rir alto, assustando a raposa.

Ainda com um sorriso nos lábios, ajoelhou-se ao lado do ganso, enfiou a mão por baixo da *parka* e tirou a faca da bainha. Com golpes seguros, limpou a ave, jogando para o lado suas entranhas.

O focinho preto-azeviche da raposa apareceu na abertura da toca, farejando o cheiro do alimento ali tão perto.

Sim, ladrazinha, é para você, pensou Ivar. *Você merece, mas não tente outra vez.*

Um urso na linha de armadilhas

No COMEÇO de dezembro, o vento uivava numa selvagem cacofonia em torno das quinas e

das janelas fechadas da Cabana Grande. Nos últimos dias de lusco-fusco, a enseada diante da cabana tinha congelado. Agora, a escuridão ártica, misturada com o branco onipresente da neve, formava uma camada cinza-escuro que cobria cada palmo de terra. Durante três dias, Ivar ficou trancado na cabana, sem sair, exceto uma vez em que quase gelou os ossos para alimentar seus cães.

Procurava matar as horas intermináveis consertando as trelas do trenó, lavando roupa, apondo os esportes para as armadilhas, conversando com Naika. Dormia o mais que podia, e, quando não agüentou mais a monotonia, fez pão para um mês inteiro, batendo a massa furiosa-

mente, a fim de relaxar os músculos tensos com a inatividade.

A tempestade levou o restinho de luz que ainda havia em Hornsund, deixando atrás de si a uniforme vastidão de neve e escuridão. Ivar estava ansioso por sair e fazer alguma coisa. Juntou o equipamento necessário: um saco cheio de cabeças de lagópodes, para isca, uma pá, seu rifle Mauser e uma caixa de cartuchos. Naika também foi.

O ar estava absolutamente parado, quando Ivar impulsionou seus esquis, seguindo um longo arco em direção às planícies do Vale da Raposa, onde tinha montado sua primeira linha de armadilhas. A neve fresca amontoada pelo vento rangia sob seu peso.



Um urso polar fareja um pedaço de carne de foca

Por cima de sua cabeça, as estrelas cintilavam com uma dura frieza. Durante uma hora, ao meio-dia, elas se apagariam por trás de uma luz mortífera; todo o resto do dia, elas lá estariam, pequenas cabeças de alfinetes na mortalha da noite.

A primeira armadilha estava cercada de neve. O aparelho, em si, era simples: um engradado de madeira serrada, com cerca de dois metros quadrados, levantado de um lado e com uns 35 quilos de pedra empilhada em cima. A isca, uma cabeça de lagópode, ficava amarrada ao esqueleto de apoio. Qualquer movimento desse pau faria a armadilha cair. A isca não tinha sido mexida e ele não a trocou. Quanto menos a manuseasse, melhores os resultados.

O começo do inverno era o tempo das «corredoras» (raposas novas que saíam sós pela primeira vez). Cheias de energia, de curiosidade e de fome, esquadrihavam uma grande área. Essas corredoras seriam as primeiras a cair nas armadilhas. Mais tarde, depois de serem apanhadas muitas das inexperientes raposas, a colheita nas armadilhas diminuiria. Só escapariam as adultas astuciosas e os filhotes cautelosos. Ivar teria que ser, então, muito mais cuidadoso, evitando deixar qualquer tipo de impressão olfativa e armando o disparador para o mais leve toque.

Enquanto esquiava em direção à armadilha seguinte, podia ouvir o ranger e o gemido do gelo, abastendo com a maré vazante. Forçou

a vista no meio da escuridão cheia de ruídos, mas não viu nada. A noite polar tinha engolido todos os seres. Sua experiência e seu instinto, porém, diziam-lhe que o gelo marinho já estava bastante espesso para suportar o peso de ursos errantes.

Fechou os olhos e ficou completamente parado, perscrutando o menor sinal que seus olhos e ouvidos pudessem ter omitido. Nada. Nenhum sentimento inquietante de estar sendo observado por outro ser vivo.

A primeira revisão da linha de armadilhas foi longa e sem nenhum resultado. As tempestades tinham desarmado algumas delas; outras tinham acumulado tanta neve que ele teve de desenterrá-las e rearmá-las num nível mais alto. Doze penosas horas de gelo, escuridão e escavação. Quando completou o círculo, estava sem forças, com frio e com fome.

Impulsionou os esquis com decisão, pensando nas recompensas da faina do Ártico: fogo, alimento e café quente com uma gotinha de uísque. Aguçava a vista na escuridão, sondando rochas e gelo marinho, à procura de algum sinal de urso. Até então, nenhum movimento, nenhum perigo. Olhou intencionalmente em volta. A neve recente aumentava a luz das estrelas, dando à Terra uma fantástica incandescência azulada.

Naika atrasou-se um pouco. Tinha andado duas vezes mais do que ele, e estava cansada. Sua

cauda havia murchado até ficar colada ao traseiro. De repente, parou, e seu rosnado surdo causou um arrepio na espinha de Ivar.

Urso!

Deteve-se imediatamente, puxando o rifle das costas. Sabia que o urso estava perto porque Naika o havia farejado no ar. Não tinha porém a menor idéia de onde, ou a que distância. Provavelmente além de um amontoado de pedras, a uns 70 metros dali. Não podia ver as pedras, mas sabia que estavam lá. Tinha passado por essa trilha muitas vezes.

Enterrou na neve os bastões de esqui e ajoelhou-se para desamarrar os esquis. Fê-lo apenas com uma das mãos, segurando com a outra o rifle, pronto para atirar, e observando atentamente o pequeno círculo de terra que podia ver. Nenhum movimento. Ouviu, então, longe, baixinho, os sons característicos de um urso andando. Naika respondeu rosnando profundamente.

Naika rosnou novamente, mas não foi repreendida. Se ela conseguisse espantar o urso, melhor. Ivar não estava nada interessado em enfrentar 500 quilos de fera agressiva, vendo apenas a uma distância de quatro metros. Mudou o rifle para a mão esquerda e jogou uma pedra para sondagem. A pedra perdeu-se silenciosamente por cima da elevação. Finalmente, ouviu o urso. Estava entre ele e o único caminho para a cabana. Seria impossível evitá-lo ou esperar

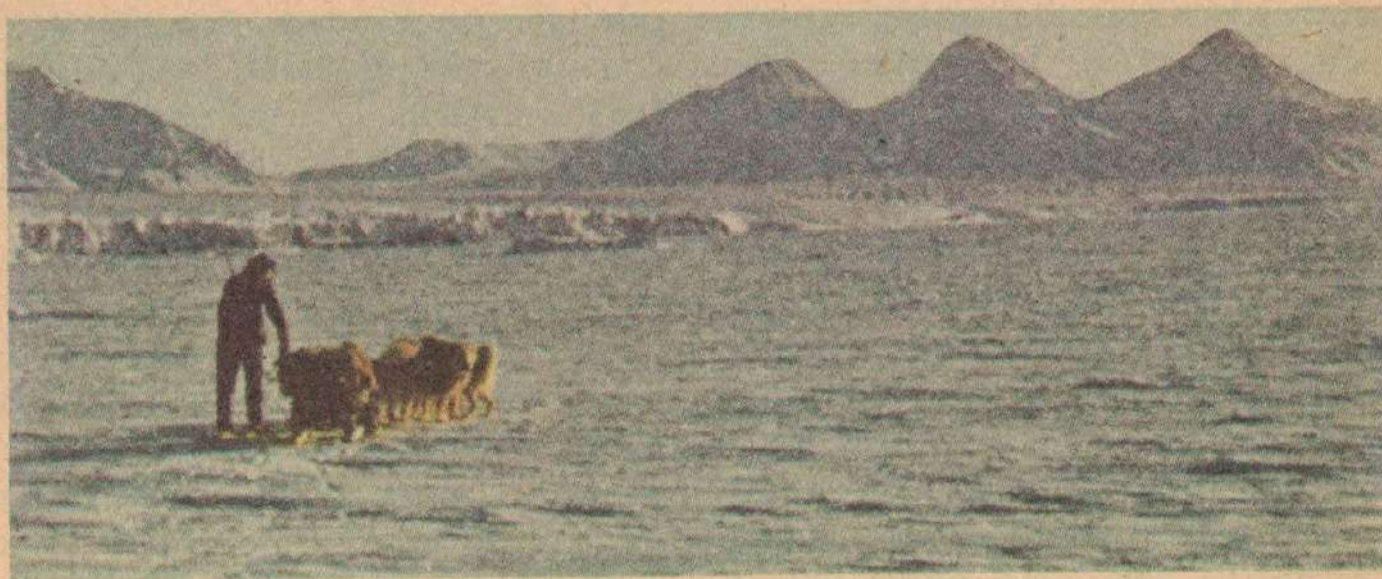
que ele continuasse seu passeio. Quanto mais esperasse, mais enregelado ficaria. Dentro em pouco, não poderia contar com os reflexos. Seus pés já estavam dormentes e sentia nos ossos a fraqueza da fome.

Subiu, tão rápido quanto pôde, os dez metros que restavam para o topo da elevação. Quando parou, viu que o lugar onde o urso devia estar se achava vazio. Olhou para a direita, em direção do fiorde congelado. Nada. Uma vibração, não mais, à sua esquerda.

Ivar virou-se e deu de cara com o urso-branco, a menos de cinco metros, avançando de trás de uma pedra, veloz e ameaçador.

O tiro foi reflexo. Levou a Mauser à frente, a todo o comprimento dos braços, e puxou o gatilho. O cano do rifle quase encostava nas costelas do urso, quando, com o clarão do tiro, o projétil de 20 gramas rompeu seus ossos e atravessou o coração.

Logo que o urso caiu, rolando, Ivar, com movimentos rápidos, já tinha puxado o ferrolho do rifle e colocado na câmara uma nova bala. Foi então examinar o chão, uns 15 metros à esquerda, para ver o rastro do urso. Estava só. Os primeiros visitantes da noite polar geralmente andam sozinhos. Contudo, um «geralmente» não era o bastante quando se tratava de ursos polares. Observou a fera com cuidado. Macho, pequeno, provavelmente com menos de 300 quilos. Ficou satisfeito por não ter



Na manhã do dia que dura um ano, Ruud guia sua matilha de cães através do mar gelado

morto uma fêmea. Recuou alguns passos, e ficou se regozijando com a lembrança de que sua vida tinha estado em jogo e ele havia ganho. Andou devagar até uma pedra próxima e se derreou sobre ela.

Naika veio correndo e sentou-se entre as pernas dele. Sua palpitação, ofegante e nervosa, jogou-lhe na face pequenas nuvens de calor, enquanto ele lhe acariciava as orelhas e lhe falava carinhosamente. Por fim, pôs-se em pé, com esforço. Tinha muito que fazer. O urso teria que ser coberto até que ele voltasse com os cães para rebocá-lo até a Cabana Grande. Se fosse deixado a descoberto, outros ursos o achariam e devorariam. Na longa noite ártica, nenhuma fonte de proteínas pode ser ignorada.

Com o rifle ao ombro, foi subindo desajeitadamente até o topo da colina para apanhar sua pá. Estava em pé desde as seis horas. Se trabalhasse rápido, chegaria a casa por volta da meia-noite.

Correndo sobre o gelo fino

DORMIU apenas algumas horas. Não havia arranjado neve suficiente para cobrir bem o urso. Tinha que voltar antes que os animais carnívoros estragassem a pele.

Quando ele apareceu com as trelias na mão, os cães ficaram como loucos. Svarten, o cão líder, fez o que pôde para manter a ordem durante o arreamento, mas não podia estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Bumpsa e Grisen, normalmente afáveis, estranharam-se quando foram atrelados juntos. Surly e Lazy também criaram problemas. Ivar entrou no meio e restaurou a disciplina com alguns chutes e mil e uma imprecações. Seus cães não eram cãesinhos de luxo; poderiam matar-se uns aos outros se ninguém interferisse.

Nos primeiros dois quilômetros, Ivar procurou apenas segu-

rar-se às rédeas; sabia que, por enquanto, era a única coisa que podia fazer. Os cães ficavam selvagens na primeira corrida da estação. O único comando a que respondiam era o do seu sangue latejante. Se Ivar afrouxasse naquele momento, eles não parariam nem mesmo ao seu comando. Segurava-se às rédeas, joelhos flexionados, as faces queimando, um sorriso mudo curvando o canto dos lábios enregelados. Nem o frio, nem a escuridão nem as rochas escondidas poderiam estragar a bravia e pura beleza daquele momento.

Ao fim dos dois primeiros quilômetros, o grupo estava emparelhado, mantendo um firme e constante galope. Era tempo de verificar se Svarten ainda se lembrava da voz do dono. Ivar gritou para o líder desviar para a direita. O enorme cão preto obedeceu prontamente. Ordenou uma virada à esquerda. Svarten mudou de rumo para a esquerda imediatamente. Ivar estava satisfeito, mas sabia muito bem que seria pedir muito da sorte se quisesse ser obedecido à voz de *Alto!* Haveria ainda um pouco de corrida até que os cães dessem ouvidos a uma ordem tão ridícula. Melhor seria deixá-los agora à vontade, em vez de tê-los indóceis quando viessem com o urso sobre o trenó.

Já perto da elevação de pedras, Ivar esperou que os cães farejassem o urso, mas eles continuaram em seu galope incontrolável. O urso, provavelmente, não tinha

sido remexido. Apenas para confirmar, deixou-os correr por mais meio quilômetro contra o vento, antes de gritar para Svarten virar à esquerda.

No momento em que os cães estavam já completando a meia-curva em direção ao fiorde, um ponto branco tremeluziu, saindo de trás de um *iceberg* preso na costa pelo gelo. Tinham surpreendido uma raposa branca em sua ronda atrás de carniça, e a perseguição começou. A raposa virou para a direita, a caminho do fiorde.

Ivar gritou várias vezes para o grupo parar, mas Svarten ignorou suas ordens; o cheiro fresco de uma raposa era irresistível. Subitamente, Ivar voou por cima da barreira de 70 centímetros que marca o fim do gelo terrestre e o começo do marinho. Só um misto de sorte e bons reflexos evitou uma capotagem espetacular.

A camada de gelo sobre a água estava grossa, mas não de inteira confiança. Podia ver, em todas as direções, as tênues silhuetas dos *icebergs* de verão, agora presos no gelo novo. De alturas variáveis entre alguns palmos e poucos metros, constituíam uma pista de obstáculos que ele tinha de driblar em alta velocidade e no escuro. Sem esperança de ser atendido, gritou para que Svarten parasse.

Estava ainda gritando, quando a raposa desapareceu numa estreita passagem entre dois *icebergs* mais baixos. Svarten passou tranquilo

pela brecha. Bumpsa e Grisen foram forçados a pular por cima dos *icebergs*. Ivar esperou que o trenó ficasse preso entre os dois blocos de gelo, obrigando os cães a parar, mas a frenética cambalhotá de Bumpsa fez o trenó se inclinar, ficando apenas sobre um dos patins; ia ser espremido, sem piedade, pelos cães em disparada. Ivar foi sacudido para um lado, ficando em posição perigosa, precisamente de frente de um dos *icebergs*. Agachou-se e, segurando-se no cabo de tração, inclinou-se o mais que pôde, para a direita, a fim de evitar o topo do *iceberg*. Por um triz!

Abriu a boca para gritar novamente, quando ouviu algo que congelou a voz em sua garganta. O rangido parecia vir de longe, como se alguém estivesse arrancando lentamente pregos de madeira verde: gelo marinho novo, cedendo sob o peso dos cães, do trenó e de uma pessoa. A raposa os tinha levado para cima do gelo fino.

Ivar tentou desviar-se para a esquerda, em direção ao gelo mais grosso e à terra firme, gritando e puxando com toda a força — em vão. Os cães eram demasiado fogosos, e a presa se achava muito perto. A matilha precipitou-se para frente.

Estava perdido. Se não tomasse muito cuidado, ficaria ilhado no gelo solto. Pior, mataria os cães. Enquanto segurasse as rédeas, havia uma chance de Svarten obedecer. Se ao menos a raposa aju-

dasse, retrocedendo para a costa! O que era um perigo de morte para os pesados cães constituía total segurança para a pequena raposa do Ártico, e ela o sabia.

O gelo cedeu sob os esquis de Ivar, esticando como uma lâmina elástica, arqueando-se em ondulações e pequenas rampas. A única esperança, agora, era movimentar-se sem nunca parar o suficiente para o gelo se quebrar, e desviar a matilha — ele tinha que desviar a matilha! Gritou e gritou, continuamente, até que a fadiga, o treino ou o incômodo gelo fizeram Svarten despertar de sua obstinada perseguição à raposa branca.

O cão rumou para a esquerda; o gelo ondulou perigosamente. Contudo, sob a rouca chicotada da voz de Ivar, o grande *huskie* manteve a cansada matilha descrevendo um suave arco que os levou de volta a terra. Aos poucos, o gelo foi parando de oscilar e gemer, e, finalmente, Ivar estava driblando os *icebergs* na baía, onde o gelo se achava bastante grosso para suportá-lo. Quando avistou a linha da costa, gritou para Svarten parar, e este o fez imediatamente... um modelo de obediência pela fadiga!

Havia ainda o urso para desenterrar, içar para o trenó e arrastar para a cabana. Depois, toda a linha de armadilhas teria que ser verificada. Resmungando, Ivar ajudou os cachorros a puxarem o trenó para cima da borda de gelo sobre a costa. Ia ser um longo dia.

A música dos séculos

FREDRIK RUBACH e Ivar poderiam ter vivido juntos, mas nenhum dos dois foi para o Ártico à procura de companhia. Ainda bem, pois a área em volta de uma cabana não comportava dois armadilheiros. Além disso, uma pequena cabana tornava-se ainda menor na época do escuro.

Ivar passou os olhos em volta da sala de estar da Cabana Grande. Pelo que viu, concluiu que se tinha tornado um desleixado. Livros espalhados por todos os lados; utensílios de cozinha em desordem; saleiros, açucareiros, recipientes para aveia e farinha de trigo — tudo sobre a mesa, em vez de na respectiva prateleira.

Com uma exclamação de repugnância, começou a arrumar a casa. Era metódico por natureza; mesmo que o não fosse, o Ártico o teria feito. Muitas vezes, seu bem-estar ou mesmo sua vida dependeram de poder achar a coisa certa no lugar exato. Uma cabana descuidada era sinal de perigo.

Pensou naqueles pobres ingleses de outrora, os condenados à morte. Uma autoridade do século XVII, antevendo as possibilidades de Spitsbergen, prometeu a vida aos prisioneiros se eles colonizassem a ilha. Um barco cheio de voluntários chegou no fim do verão. À medida que o inverno avançava, a opção entre a morte e a escuridão sem fim parecia menos definida. Finalmente, toda a colônia se

desorientou e todos preferiram voltar para as mãos do carrasco na Inglaterra em vez de enfrentarem a impiedosa noite.

Depois de três horas de trabalho exaustivo, os acessórios de sua vida ficaram recolocados em seus lugares próprios. Um jantar especial estava pronto para comemorar... bem, apenas uma comemoração. Daí a pouco, a cabana estava cheirando a pato assado, purê de batatas, molho de carne, pêssegos assados embebidos em mel e polvilhados com canela, e café suficientemente forte para levantar um morto. O ruído de sua cadeira puxada para mais perto do banquete chamou a atenção de Naika.

O apelo silencioso e suplicante dos olhos da cadela varreu de seu espírito o último resquício de escuridão. Percebeu que havia já vários dias que não tinha nem sequer falado com ela. Tal retraimento não só era perigoso, como manifestamente desleal. Conversou com ela carinhosamente, pedindo-lhe desculpas, ao mesmo tempo que lhe oferecia grandes pedaços de pato. Mais tarde, na hora em que ele estava pendurando o pano de prato num prego, Naika empurrou-lhe maliciosamente os joelhos. Ele fez que lhe dava um bote com as mãos, e as patas dela começaram arranhando o chão de madeira enquanto fugia. Daí a pouco, os dois estavam rolando para lá e para cá, Naika decidida a imobilizá-lo no chão e a lambê-lo até o fim e Ivar lutando

desesperadamente para evitar tão humilhante epílogo.

Quando ambos já estavam sem fôlego, ele levantou-se, terminando a brincadeira. Ivar preparou um drinque de uísque escocês amarelado-acastanhado, fumegante e aromático, refrescado com um pedaço de gelo glacial de milhares de anos e densamente solidificado pelo peso dos séculos e por toneladas de neve compacta. O inexorável processo glacial tinha captado, quando da formação do gelo, pequenas bolsas de ar que, à medida que derretia dentro do uísque, as ia libertando, produzindo minúsculas explosões, estalidos e silvos; era a música gelada dos séculos, num alegre contraponto com o crepitar do fogo. Naquele momento, todo o seu mundo estava dentro da cabana: o fogo, a luz, a comida e a companhia de Naika. Tinha também a consciência de que, a poucos metros, a noite estava carregada de vento, frio e solidão.

Pôs o copo de lado e vestiu um agasalho. Com Naika seguindo-o de perto, penetrou no túnel de gelo que era a entrada da cabana no inverno. Quando empurrou para um lado a porta-armadilha que tinha construído dentro da neve, uma tênue poeira de cristais branqueou seus ombros e sua barba. Em direção do Sul, viu uma condensação verde tremeluzente obscurecer as estrelas. Como se fosse soprada por ventos distantes, a cortina de luz verde parecia

bailar enquanto Svarten e os cães misturavam suas vozes aos fantásticos acordes mais antigos que o homem. Uma ondulação azul-pálida apareceu na aurora, transformando-se depois em silenciosa cascata azul-safira, no meio de um turbilhão verde-esmeralda. Delicadas serpentinas cor de topázio serpeavam pelo meio da luz cascateante. A aurora foi aos poucos se extinguindo, tendo a murmurante elegia de Svarten como único registro de sua passagem.

O disco radiante da Lua se elevou, inundando a Terra com uma delicada luz prateada, pontuada de sombras ebôneas. Por uns momentos, Ivar estava em paz. Depois, tudo se foi diluindo e sentiu o arrepio da solidão, assediado pela terrível beleza da noite ártica.

Sobreviver a uma tempestade

NO DIA da véspera de Natal, bem cedo, Ivar juntou seu equipamento e carregou o trenó. Ia para a Cabana da Baía, passar o Natal com Fredrik. Quando tudo estava pronto e os cães arreados, voltou à cabana.

Tinha deixado o fogo se extinguir enquanto trabalhava do lado de fora. Com as brasas apagadas, gravetos e óleo de baleia, preparou cuidadosamente o ponto de ignição de seu novo fogo. O importante era deixar a base de tal forma que um único fósforo o acendesse. Quase sempre que ele chegava à cabana, aquecimento rápido era

uma premente necessidade. Não o fazia, contudo, por comodidade; era para os momentos em que um único fósforo poderia assinalar a fronteira entre a vida e a morte.

Terminado o ritual, pôs-se a caminho e logo caiu no ritmo de uma viagem noturna: a mente meio adormecida, o corpo reagindo automaticamente aos perigos do percurso, as retinas vazias por não ter nada para olhar.

Fredrik veio recebê-lo com um sorriso e pancadinhas nas costas. Naquela noite e no dia seguinte, conversaram, comeram, beberam uísque, contaram histórias incríveis, jogaram xadrez, cantaram suas canções de Natal favoritas e, finalmente, chegou a hora de Ivar ir embora. Fredrik lembrou que o tempo não estava prometendo muito. Ivar escutou o vento e deu de ombros.

Viajou durante várias horas sem se sentir realmente muito preocupado. Seu senso meteorológico dizia-lhe que uma tempestade estava para vir, e por isso incitou Svarten a acelerar a marcha. A tempestade, porém, alcançou-os a cerca de dois quilômetros a oeste das planícies do Vale da Raposa. Os primeiros flocos, macios e úmidos, passaram à sua frente, paralelos ao chão, correndo adiante de uma forte lufada de vento. A neve formou uma camada viscosa em seu rosto, tornando-lhe difícil a respiração. Prosseguiu de qualquer maneira. Seu mundo era um círculo de dois metros de diâmetro.

Sentiu que tinha alcançado o Rio da Raposa quando seus esquis descambaram para frente, descendendo a margem íngreme. Deslizou sobre as costas por alguns segundos, antes de parar num emaranhado de cães, arreios, trenó e esquis. A neve estava solta e profunda a sotavento da margem, sendo necessários alguns minutos para desvirar tudo novamente.

Parou para pensar. Nas últimas duas horas, tinham andado, se muito, uns dois quilômetros, e se encontravam ainda a seis da cabana. Ele estava cansado. Apesar de estar aquecido pelo movimento ele sabia que, mais cedo ou mais tarde, o frio sugaria suas últimas reservas de calor e de força.

A temperatura caía abruptamente, e o vento estava afiando os flocos de neve macios, transformando-os em pequenas e cortantes navalhas. Tempestade de neve à vista. Era melhor ficar por ali do que forçar a marcha até que a tempestade subtraísse dele todos os desejos, menos o de se enroscar e dormir. Quanto mais cedo cavasse uma toca na neve e se protegesse dentro dela, maiores as chances que teria de sobreviver.

Tirou a lanterna do bolso e uma pá do trenó, e pôs mãos à obra. Ventos anteriores haviam formado um longo banco de neve que caía pela ribanceira, sobre o rio gelado. A neve tinha uma espessura de pelo menos três metros. Cavou, com a pá, um túnel de um metro de largura, perpendicular-

mente em direção à margem do rio. No fim do túnel, fez uma câmara de aproximadamente dois metros de comprimento, um de largura e pouco mais de um de altura.

Quando terminou de cavar, com a mão enluvada protegendo o nariz e a boca, foi ver como estavam os cães. A matilha tinha se alinhado ao longo do precário abrigo oferecido pela margem do rio, de costas para o vento, cauda sobre o focinho, corpos desaparecendo rapidamente sob a torrente de neve. Em poucos minutos, estariam tão quentes como Ivar, ou mais, em suas tocas de neve naturais.

Tirou do trenó o saco de dormir, o fogareiro e a tenda. Esta, ele a estendeu à entrada do túnel, prendendo-a sobre a neve com alguns esportes. Poderia tê-la armado do lado de fora, evitando o trabalho de construir aquela toca, mas acabaria completamente enregelado. O náilon não tem as características isolantes da neve.

Dentro da toca, acendeu o pequeno fogareiro a álcool, encheu um caçarola de neve e colocou-a sobre a chama. Assim que a neve derreteu, bebeu-a sofregamente. Poderia ter derretido a neve em sua própria boca, mas isso seria cobrir um santo descobrindo outro. Já sentia frio bastante para poupar ao corpo o calor necessário para derreter a neve. Meteu-se então dentro do saco de dormir, para esperar.

Logo depois das oito (mais ou menos a hora em que estaria chegando à Cabana Grande para jantar), seu estômago começou a rosnar. Pensou nas barras de chocolate no bolso da *parka*, mas nem se mexeu para apanhá-las. O chocolate era para uma emergência, e aquela situação estava longe dessa classificação. Resolveu ignorar o estômago.

A fome voltou às primeiras horas da manhã. Enrolou um cigarro e, enquanto fumava, ia tomando bem o gosto de cada tragada, na esperança de que o estômago confundisse aroma com alimento.

Escutou o vento, ainda violento, e olhou o relógio. Dez horas se tinham passado. Sentou-se envolto no saco de dormir, perturbando Naika que dormia a seus pés, e abriu a aba da entrada. A neve turbilhonava no ar. Fechou-a novamente, escorregou para o fundo do saco e dormiu.

Quando acordou, a neve ainda voava lá fora. Derreteu uma caçarola cheia dela, enrolou um cigarro e continuou esperando. Mais tarde, quando saiu daquele estado hipnótico, meio dormindo meio acordado, provocado pelo frio e pela escuridão, empurrou novamente a portinhola para o lado. A neve continuava sendo soprada, mas a tempestade estava amainando. Preparou o fogareiro e bebeu várias caçarolas de neve derretida, ignorando as reclamações de seu estômago debilitado. Dois dias sem se alimentar não era nada no

meio do inverno. Então, foi arrumar as coisas na toca sem luz.

A última etapa da viagem tomou-lhe três horas. Estava totalmente enregelado quando chegou à cabana, mas isso era normal. Alimentou os cães, conversando com eles por cima do murmúrio do vento. Quando eles terminaram de comer, ajoelhou-se ao lado de cada um, afagando seu pêlo. No interior da cabana, pegou a vassoura e varreu a geada do teto, das paredes e do assoalho, antes de acender o fogão. Só então é que comeu. De manhã, Ivar começou sua ronda pelas armadilhas.

O DIA de Ano Novo de 1971 foi seguido por três semanas de vento e de tempestades, muito trabalho na linha de armadilhas e intensa agitação. O fim da longa noite ártica estava perto, mas esse fato não o alegrava. Inconscientemente, tinha afrouxado o controle sobre suas emoções estritamente condicionadas. Agora, elas estavam correndo à sua frente como uma manada de cavalos desembestados, puxando-o em todas as direções. Quase três meses com um mínimo de luz, somente aquelas horas de céu sem nuvens ponteadas de pequenas estrelas e, ainda menos frequente, uma lua-cheia num céu cristalino. Não era o suficiente... nem de longe.

Lutava contra sua solidão, sabendo que ela acabaria com o primeiro raio de luz solar. Era uma batalha difícil. Os confortos

da Cabana Grande já não cativavam seu interesse. Era tempo de ir para Bird Mountain. Foi exatamente nessa visita que o urso polar invadiu a cabana enquanto ele dormia. Foi o quarto urso que abateu durante a noite polar. Arrastando a pele de 70 quilos, voltou para a Cabana Grande.

Pouquinho antes do almoço, parou e bebeu um gole do cantil que carregava em sua *parka*. Olhou para cima. As estrelas estavam pálidas, quase invisíveis. Perscrutou mais além do fiorde, piscou os olhos e depois os arregalou. Aquilo que via, sem dúvida, era o Pico de Hornsund, por um momento recortado contra a penumbra mais fraca da luz azul-pálida.

Já fazia tanto tempo que ele não via as montanhas através do fiorde que era como se elas quase não existissem, senão em sua memória. Contudo, eram reais. Ele as tinha visto. A longa noite estava terminando.

O alvorecer

No COMEÇO de fevereiro, Ivar ficou preso na Cabana Grande durante quatro dias, por violenta tempestade. Em algum lugar, bem por cima do turbilhão gelado e nevoento, as pálidas cores da pré-aurora espalhavam-se pelo céu, mas ele não podia ver além da distância de um braço. Tentou convencer-se de que isso não tinha importância. Mais cedo ou mais tarde, as nuvens se dissipariam;

quando isso acontecesse, veria o Sol, mas de nada adiantou. No dia seguinte, seria o alvorecer, e ele queria muito ver o Sol nascer.

Acordou após ter dormido apenas algumas horas, e ficou sem se mexer, querendo descobrir o que o tinha despertado. Notou que o vento quase havia parado. Adormeceu novamente, certo de que o dia do alvorecer seria calmo, frio e claro.

As seis horas, na escuridão, Ivar tomou um café reforçado, porque sabia que só estaria de volta para o jantar. Enquanto comia, ficou olhando pela janela. Por cima da neve, as estrelas cintilavam no céu de breu.

Esquiou na direção do trecho de sua linha circular de armadilhas que ficava mais perto da costa. Enquanto Naika esperava a certa distância, ele desenterrava as armadilhas e recolocava as iscas nas que tinham sido desarmadas pela tempestade. Não encontrou nenhuma raposa. Quando as armadilhas estavam todas prontas, seguiu em frente.

Dez horas.

Com passadas ritmadas, encaminhou-se em direção ao Vale da Raposa. Sabia que tinha de pôr em ordem a linha de armadilhas, tão cedo quanto possível, uma vez que as raposas estavam vagueando famintas depois da última tempestade. Mesmo assim, de vez em quando, diminuía a marcha, olhando o céu.

Onze horas.

Subiu pela encosta da montanha a leste do Vale da Raposa. Foi tão longe quanto se podia ir com esquis, parou e olhou para o Sul. A aurora tinha começado durante sua subida. Enquanto observava, o topo das montanhas bem acima dele tinha-se tornado uma linha negra e nítida contra um céu de estanho polido.

Chutou fora os esquis e começou a escalar a colina. Pouco antes do meio-dia, alcançou o topo de uma crista nua, batida pelo vento. Sentou-se calmamente sobre uma pedra gelada, voltando-se para o Sul. Por cima deles, o céu era um lençol de cetim cinzento.

Uma incandescência azul-pálida apareceu, adensou-se e se tornou mais viva. As montanhas tomaram sutilmente uma textura em que grandes massas negras eram coroadas por cambiantes multicores. Os picos mais altos irradiaram violeta, flamejando para o carmesim, depois para o dourado. A luz escorria pelas encostas da montanha numa silenciosa inundação de cores.

O Sol surgiu incandescente.

Ivar pestanejou, e então se apercebeu de que estava de pé, com o chapéu na mão e lágrimas geladas correndo pelas faces. Pôs o chapéu e sentou-se novamente, absorvendo as cores de um mundo que o Sol lhe tinha restituído. Enquanto estava ali sentado, a torrente de cores foi se esvaindo. Uma maré de escuridão estendeu-se na base das montanhas,

avançando depois para o alto, deixando os picos mais elevados como uma cordilheira de ilhas luminosas. O Sol já ia descendo, um semicírculo de fogo desaparecendo. Aquele dia, com a duração de meia hora, estava findando.

Avisos sutis

A LUZ intensa e orlada de azul, de meados de março, cruzava Hornsund. As armadilhas haviam já sido desarmadas porque, em breve, as raposas começariam a se acasalar. Dali até que a neve e o gelo desaparecessem com os primeiros ventos quentes de maio, junho ou julho, Ivar estaria constantemente em atividade, correndo para cima e para baixo no fiorde, à procura de ursos-brancos.

Se fosse suficientemente rico para viver em Hornsund sem caçar, teria muito prazer em fazê-lo, mas, para pagar as despesas de sua estada no Ártico, não podia prescindir de nenhum dos dez ursos que o governo permitia que caçasse, mais todas as raposas que conseguisse apanhar em armadilhas. Matar não era prazer nem desonra. Ele aprendera que, se alguém vive como os ursos polares, tem que matar com tão pouco prazer ou remorso como os próprios ursos polares o fazem.

Em fins de abril, já tinha caçado nove ursos. Estava preocupado quanto ao décimo. Não podia contar com tempo e gelo suficientes senão para mais uma única caçada.

Naquela época, a luz da manhã já estava sempre presente em Hornsund. Nos lugares onde as reentrâncias da rocha refletiam o calor solar, a temperatura já era quase a do degelo. Ele gostava desse período do ano mais do que de qualquer outro.

Um dia, Ivar prometeu a si próprio um saboroso jantar de lagópode fresco e saiu esquiando na neve por trás da Cabana Grande, rumo à Colina do Lagópode. Eles deviam andar por ali, ciscando na neve as últimas sementes do verão, antes que as barulhentas aves marinhas voltassem.

Perto do topo da colina, enrolou um cigarro e espraizou a vista pelos campos lá embaixo. O gelo na enseada do fiorde formava ainda uma grande foice prateada. Mais para o meio da baía, as investidas da maré tinham aberto pequenas brechas na borda, jogando água salgada e frígida sobre a neve. Aqueles dedos finos, azul-escuros, eram anunciadores da mudança de estação.

Uma hora mais tarde, Ivar estava quase atingindo o fundo da ravina quando o vento trouxe os sons de uma matilha de cães acuando. Da maneira como a fúria crescia, só se podia concluir que um urso estava bem próximo deles. Entretanto, quando ele chegou aos cães, não havia nem sombra de urso; apenas as pegadas. Apesar disso, não podia estar muito longe, e as dimensões de seu rastro fizeram ferver o sangue de Ivar.

O rastro se dirigia para o fiorde. Ivar explorou o gelo com a vista até que localizou a massa branca, fugindo em direção à linha distante de uma cordilheira. A época de caça já andava quase no fim, e ele não podia renunciar àquele magnífico macho. O animal se achava no extremo do alcance de tiro, mesmo para a Mauser de cano longo; se acertasse, aquele seria o melhor tiro de sua vida.

Ajoelhou-se, fez pontaria e atirou, apertando o gatilho com suavidade. O urso pareceu tropeçar e, a seguir, começou a galopar como se não tivesse sido atingido. O segundo e o terceiro tiros apenas levantaram o gelo bem atrás do urso, fazendo-o correr mais depressa. Ivar pensava que tinha errado os três tiros, até que viu, através da mira telescópica, um brilho vermelho de sangue sobre a neve. O urso estava ferido. Com a Mauser cruzada às costas, saiu esquiando em sua perseguição.

Em pouco tempo, estava longe, no meio do fiorde. Lembrou-se de como era o fiorde visto de cima da Colina do Lagópode: aquelas brechas negras e estreitas e o reflexo azul-escuro das poças de água salgada sobre o gelo instável. O gelo sob seus esquis parecia firme, e um urso ferido não podia correr indefinidamente.

Ao fim de uma hora, a trilha de sangue estava reduzida ao aparecimento intermitente de pequenas manchas, mas, por outro lado, o comprimento da passada do urso

parecia ter diminuído. Precisamente em frente, surgiam as encostas enrugadas de uma cordilheira. Ivar esquiou até onde pôde, no meio daquela confusão de gelo entulhado; tirou os esquis e fincou-os num montículo de neve. Foi subindo cuidadosamente até o alto de uma crista de gelo em acentuado declive e sondou com a vista o outro lado. O urso estava a uns 400 metros, num terreno plano entre duas cumeeiras.

Ivar escorregou pelo outro lado da elevação e correu ao longo da trilha. Passou pela área plana, mas já não viu o urso. Mais uma meia hora de corridas e escaladas, até que chegou a uma planície nevada, rodeada de picos de gelo. O animal estava ali, a dez metros, estirado na neve. O barulho da aproximação de Ivar fê-lo erguer-se sobre as patas traseiras.

Ivar levantou o rifle, e o som de um tiro ecoou pela neve. O urso caiu de costas, deslizando. Com passos cautelosos, Ivar contornou o animal, precavido contra qualquer movimento. Tocou-lhe num olho com o cano do rifle. Nenhuma reação. Com uma última olhada em redor, em busca de outros ursos atraídos pelo cheiro de morte recente, Ivar sacou da faca de esfolar e se ajoelhou.

Enquanto trabalhava com as mãos expostas ao intenso frio, percebeu que estava levantando a vista com mais freqüência do que normalmente. O instinto espica-

çava-lhe a consciência provocando-lhe mal-estar. Quando o esfolamento já ia pela metade, aqueles avisos sutis tornaram-se prementes exigências. Deixou cair a faca perto de suas mitenes, agarrou a Mauser e subiu ao bloco de gelo mais próximo para olhar em volta.

Viu um canal de 20 metros (uma brecha aberta no gelo) entre ele e a costa norte de Hornsund, e durante longo momento sentiu fugirem-lhe as forças.

O fogo milagroso

EMBORA sua mente se intimidasse com o fato de ele se ver preso num bloco de gelo à deriva, seu corpo deslizou onde estava e começou a correr pela borda sinuosa do canal, que mais se alargava. Na única vez em que olhou para trás, o que viu fê-lo correr ainda mais depressa: a abertura tinha dobrado de extensão. Continuou correndo até que encontrou um lugar em que a largura da brecha era só de uns seis metros. Depois, ia se alargando novamente.

Sem parar para pensar ou respirar, arremessou o rifle para o outro lado. Antes que a arma caísse, ele já estava nadando na água enregelante do mar. Com três braçadas chegava à outra margem, onde, batendo com os bicos das botas no gelo submerso, esticava os braços para cima, à procura de um ponto de apoio para as mãos nuas, na borda da

placa gelada de um metro de altura. Suas mãos dormentes escorregaram, mas depois se seguraram o tempo suficiente para que ele, num puxão desesperado, conseguisse sair da água e subir à placa.

Pôs o rifle a tiracolo por trás do corpo e continuou a correr, batendo com as mãos nos ombros e nas coxas, tentando restabelecer a circulação sanguínea nos dedos que ele já não sentia. Enquanto corria, farpas de gelo caíam de sua roupa congelada, camadas de gelo deslizavam debaixo de seus pés, e, por todos os lados, brechas negras se abriam.

Corria desesperadamente, saltando a água escura por sobre os blocos flutuantes, equilibrando-se, correndo mais um pouco, batendo com as mãos esbranquiçadas sobre as roupas congeladas, sentindo o coração pular, em direção a uma linha de costa que estava a mais de duas horas dali. Atrás dele, ressoavam os guinchos vacilantes do gelo estalando, longos gemidos das cumeeiras desmoronando, aquela trituração infernal de um mundo de gelo se desintegrando.

Em dado momento, percebeu que estava cruzando seu próprio rastro e, automaticamente, seguiu nessa direção. Batia as mãos em contraponto com os arquejos do coração. Correu, correu ao longo de seu próprio rastro, até que as pernas e os pulmões lhe doeram; correu até já não poder se lembrar do tempo em que não tinha de fugir de gelo se desintegrando, sal-

*We present the most modern and
easiest method to learn English
without leaving your home*



*Apresentamos o mais moderno e o mais
fácil método para você aprender inglês
sem sair de casa: sistema
“AUDIOMATIC”*

Hollywood School of Languages

Agora você pode falar inglês em pouco tempo e facilmente, usando apenas suas horas de folga. E no fim do curso você ainda recebe um diploma da “Hollywood School of Languages”. Além disso, toda a sua família poderá aprender divertindo-se, com o material “Audiomatic” que você receberá. Saber inglês hoje em dia garante o seu futuro, melhores empregos, sucesso na escola e na vida social.

**ENVIE HOJE MESMO O CUPOM PEDINDO
INFORMAÇÕES GRÁTIS!**

HOLLYWOOD SCHOOL OF LANGUAGES, Depto.
Rua Capitão Salomão, 59 - Cx. Postal 30.575
01034 - São Paulo - SP

Desejo receber informações grátis, sobre como aprender a falar facilmente o inglês em minha casa pelo método “AUDIOMATIC”.

Nome _____

Endereço _____

Bairro _____

Cidade _____

CEP _____

Estado _____

tando por sobre imprevistas brechas de água negra; correu em direção a uma costa na qual não mais acreditava.

Corria sem olhar para o rastro que ia deixando, batendo as mãos inertes contra o peito. Correu até que a barba já não era mais do que uma espessa pasta branca de respiração congelada. Correu quilômetros, horas a fio, até não poder correr mais.

De repente, olhou para cima e viu sua cabana. O lar, o fogo e a vida estavam bem na frente. Apenas mais alguns passos e já não estava correndo; apoiava-se agora contra a porta, atrapalhando-se para abrir o ferrolho com os dedos hirtos. A porta se escancarou com seu peso, e ele caiu aos trambolhões para dentro da cabana. Havia ficado fora por mais de doze horas, e o interior da cabana não estava mais quente do que o gelo do fiorde.

Com um chute, abriu a porta do fogão e tentou alcançar a pequena caixa de fósforos, na prateleira. Antes de ele sentir tê-la tocado, a caixinha voou para o assoalho. Ivar ajoelhou-se em frente ao aquecedor e procurou cuidadosamente apanhar o esquivo objeto. Usando uma das mãos como peso para prender a caixa, forçou a gaveta dos fósforos com os dedos insensíveis, mas não conseguiu, espalhando fósforos para todos os lados. Quando procurou apanhar um deles, percebeu que seus dedos não lhe serviam para nada.

Com um grito de frustração, bateu com as mãos sobre os joelhos repetidas vezes. Nada sentiu.

Voltou a tentar os fósforos. Com o tempo, descobriu que podia levantar um deles se o apertasse entre as bordas exteriores das palmas das mãos, como se fosse um torno rudimentar. Com todo o cuidado, levantou a caixa entre as palmas das mãos e apertou-a entre os joelhos. Depois, sempre com as palmas das mãos, apanhou o fósforo mais próximo e procurou riscá-lo na caixa. O palito se quebrou.

Vagarosa e pacientemente, encontrou e apanhou um outro fósforo, riscou-o com cuidado, mas o viu escorregar e cair. O terceiro caiu também... e o quarto e o quinto. A cada vez, ele não hesitou nem deixou que o sentimento de frustração o dominasse. Finalmente, conseguiu acender.

Com cuidado extremo e penoso, levou a pequena chama ao interior do aquecedor. O fósforo caiu bem no meio do ponto de ignição, previamente preparado. Prendeu a respiração, com medo de que esta pudesse apagar a frágil chama. Um gravetinho fino escureceu, chamecou, cobrindo-se depois de pequeninas chamas azuis. As pálidas línguas de luz hesitaram, se espalharam, tornaram-se vermelhas, depois de um tom alaranjado, e, então, gloriosamente douradas. O calor espalhou-se pelo seu rosto, como um sol-nascente. Ele ficou parado, ajoe-

lhado na frente do fogão, seus olhos refletindo o milagre do fogo.

Em perfeito equilíbrio

DURANTE as três semanas seguintes, Ivar perambulou pelo fiorde, à procura de ursos polares sobre o gelo disperso. Os dias tinham sido curtos, bonitos e sem ursos, até a noite em que os cães explodiram em frenéticos latidos ao sol da meia-noite. Um urso que tinha resolvido comer carne de cão havia se transformado numa pesada e branca pele sob o fio de sua faca de esfolar.

Pouco depois, parou, flexionou os dedos e olhou em direção à pequena enseada um pouco além da cabana. Poças rasas e espelhos de água salgada brilhavam através da esboroante camada de neve. Mais longe, no meio do fiorde, um curso de água navegável emanou um brilho azul-escuro entre as largas e brancas bordas de gelo.

Espalhadas pela costa, por toda a extensão das planícies e subindo pelas encostas das montanhas, as primeiras aves migratórias se iam amontoando na neve, esperando o degelo e exprimindo aos gritos sua impaciência pela chegada dos ventos quentes. Não iriam ter de esperar muito tempo. Um novo ciclo já se estava formando por debaixo da neve e do gelo, recolhendo energia do vento sul e do Sol alto e amarelo.

Curvou-se novamente sobre a pele do urso, ouvindo o fim da

primavera nos pingos de água que caíam das goteiras da cabana. Os surdos ruídos de seu trabalho misturavam-se aos sons da água extinguindo-se na distância — lamentos plangentes, dores de parto do Rio da Raposa. Pôs a faca de lado e escutou enquanto o rio experimentava a força de seu ventre invernal. Os sons eram insistentes, mais fortes do que no dia anterior, bem mais fortes do que na antevéspera. Colocou as mitenes e correu em direção ao rio.

Os murmúrios fundiram-se em guinchos angustiantes; depois, silêncio e, então, o ribombar do gelo caindo das ribanceiras pedregosas. Ao chegar ao topo de uma encosta de onde podia ver o rio em toda a sua extensão, os primeiros estrondos tinham ecoado.

Observava os bolsões de neve afundando-se subitamente, desaparecendo em grandes buracos surgidos em seu lugar, onde a água escondida corria. O rio se acalmava e, por um momento, o gelo era todo silêncio. Ouviam-se, então, murmúrios sussurrantes, estremecimentos sutis ao longo do rio recoberto e, finalmente, um selvagem canhoneio de gelo se quebrando. Com um prolongado estrondo, o Rio da Raposa descia para o mar gelado, correndo sobre a plataforma da Baía do Urso, num leque azul-turquesa.

Logo, a baía também se desmembraria. O leque iria se alargando e se estendendo em cada maré, varrendo o gelo à sua frente,

abrindo brechas e canais, até que as ondas pudessem, uma vez mais, quebrar em toda a extensão do fiorde. Então, um navio viria, navegando sobre as ondas do mar distante. Ele avistaria o navio, esperando por ele entre os pedaços de geleira flutuando, baixos, frios e translúcidos.

Ivar observava, e sabia que o seu dia que dura um ano tinha terminado.

NO ANO seguinte, Ivar novamente recebeu permissão para dez ursos. No outro ano, porém, nem mais um urso nem raposas, focas, gansos ou patos. Ele não lutou contra essas novas leis, mas sentiu muito ter sido expulso de seu lar por aqueles imprudentes caçadores de verão que esquadrihavam o mar em poderosos barcos a motor e atiravam nos ursos indefesos que nadavam. Muitas vezes, o urso afundava antes de ser recolhido e, além disso, uma pele de verão não tinha nenhum valor comercial. A maneira mais fácil de o governo coibir o abuso seria suspender por completo a caça ao urso.

Contudo, mesmo a proibição não seria o bastante. Os ursos polares precisam de todo o Ártico para vaguear livres e selvagens. Um meio ambiente atacado mortalmente pela intensa caça comercial à foca, pela pesca, poços de petróleo e mineração é tão perigoso para a sobrevivência do urso polar como a caça desbragada, e, sem dúvida, muito mais cruel.

Ivar Ruud comenta: «No verão de 1973, tudo tinha mudado. Durante os dois últimos anos, o turismo, a mineração e a pesquisa petrolífera nas ilhas estavam nas manchetes dos jornais. O desenvolvimento veio muito depressa, e o Governo norueguês apressou-se a proteger a vida natural em certas áreas, inclusive na área do fiorde de Hornsund.

«Dei minha contribuição abandonando as ilhas, minhas cabanas e tudo o que construí durante anos de árduo trabalho, embora não entenda a política de expulsar um homem de uma área quando as companhias petrolíferas e outros grupos adquirem direitos quase absolutos onde quer que os solicitem. Eu poderia me enquadrar com o meio ambiente ártico, mas não com a civilização usurpadora.

«Durante todos os meus anos em Svalbard, de 1967 a 1973, escrevi meu diário, e registrei em filmes e fotografias minha maneira de viver nas invulgares condições naturais da ilha: os milhões de aves no céu; o urso polar, a raposa e a rena na tundra gelada; a foca, o peixe e os crustáceos no mar — todos eles vivendo em equilíbrio perfeito, devorando-se mutuamente e dependendo uns dos outros para sobreviver.

«Era nesse gigantesco teatro, onde eu tinha um lugar na primeira fila e via, ouvia e sentia as leis da natureza, que me fizeram ficar ano após ano, até encontrar meu próprio papel naquela peça.» ▲